

Empresas vão investir mais na educação

por Márcia Raposo
de São Paulo

O desafio industrial brasileiro da próxima década, particularmente grande, em razão do acirramento da concorrência comercial entre os países mais desenvolvidos do bloco capitalista após a unificação do mercado europeu, faz os empresários pensar cada vez mais em educar seus próprios empregados tanto técnica quanto culturalmente dentro da própria empresa.

"Ou é isso ou nada, porque o ensino técnico público em si também não está conseguindo superar as dificuldades básicas do brasileiro que padece já de um nível de instrução muito mais primário", comenta Paulo de Aguiar Cunha, presidente do grupo Ultra, um dos maiores do ramo químico do País.

"Nós aqui na Confab estamos pensando em ter a partir de 1990 ensino regular nas fábricas, de português, aritmética, ciências e estudos sociais, porque as dificuldades do candidato a primeiros postos dentro de uma indústria hoje são as mais básicas", explica Roberto Caiuby Vidigal, presidente da Confab.

Paulo Diederichsen Villares, presidente do grupo Villares, acredita que o verdadeiro "nó" da questão se dará no momento, "que se aproxima, e muito em breve", de ter que incorporar mais e mais tecnologias de ponta no processo industrial e não ter um corpo de técnicos e operários preparados para fazer isso a contento. "Temos graves desafios pela frente e um é que o Brasil precisa saber desde já que não haverá tecnologias disponíveis facilmente para comprar daqui para frente e portanto tem que haver uma boa dose de "criação dentro de casa" para que os recursos também cada vez mais escassos se dirijam para comprar a tecnologia mais inovadora e eficiente possível. E isso vai custar muito mais caro do que estamos acostumados a pagar", pondera Villares.

"Temos que pensar cada vez mais na nossa mão-de-obra como o instrumento mais vital para enfrentar a concorrência, porque será cada vez mais o nosso homem que fará a diferença de um produto mais bem acabado a menor custo aqui contra um outro ali. E ainda que a automatização seja indispensável para ganhos de produtividade, o funcionário que veste a camisa da empresa também o será, cada vez mais. Ou seja, daqui para frente não poderemos mais dispor da prata da casa, ainda que as crises nos tentem", acredita Sérgio Luiz Bergamini, presidente da Indústria de Papel Independência e diretor adjunto do departamento de economia da FIESP.

"Nós temos que pagar o preço, enquanto indústria, pela educação dos nossos funcionários, uma coisa que os nossos concorrentes lá fora nem imaginam como custo adicional aos seus produtos. Mas o que fazer, se a deterioração da educação como um

todo no País não nos dá outra opção?", diz Ariovaldo Carmignani, presidente da Mangels Industrial.

As escolas técnicas do País, segundo esses empresários, têm razoável qualidade, mas também elas têm esbarrado na dificuldade de o cidadão, de forma geral, ter capacidade para absorver tudo o que está disposto no currículo e nas aulas e, em decorrência disso, também os recém-egressos dessas escolas de certa tradição têm nível inferior aos de alguns anos atrás.

"Nós aqui temos mais problemas com os recém-egressos de universidades, às vezes, do que com os técnicos mais básicos propriamente ditos. Parece que, como o técnico tem um aprendizado mais prático, estava mais próximo da realidade, e os mais intelectuais ainda não desceram, muitas vezes, à terra", comenta Paulo Cunha, do grupo Ultra. O seu grupo mantém regularmente grupos de "trainees" universitários para, lentamente, ir incorporando-os às atividades operacionais.

Caiuby Vidigal, da Confab, acredita que para que o País venha a suplantir o atual degrau tecnológico e de competitividade ante as nações que dividem com os produtos brasileiros o mercado internacional é preciso urgente uma "revolução educacional de metas a longo prazo" na nação. "Não adianta ficarmos preocupados com este ou aquele candidato a presidente, como um indivíduo de esquerda ou de direita para conduzir o País, se ele não reunir as condições para tocar na questão crucial e profunda que é a da deterioração da educação no País", assinala.

Segundo os empresários, qualquer empresa de nível médio ou pequeno hoje tem que manter cursos básicos dentro de suas paredes para poder responder as suas necessidades de mão-de-obra mais especializada e isto já foi absorvido nas últimas décadas como "coisa natural" pela indústria em geral.

O patrão-professor é uma realidade não só restrita à indústria em si. "As empresas em si sempre foram um local onde o indivíduo acrescenta algo à sua educação, mas agora o que deve ser acrescentado é quase tudo. Já há um conceito no mundo de que pelo menos 10% da população do mundo, e creio que no Brasil isso possa ser bem uns 20%, não tem nenhuma perspectiva de se inserir no sistema. São pessoas que vagam por aí absolutamente sem referências morais, sociais, sem qualquer educação, não consomem. E se não houver um esforço brutal para recomendar um programa sério de educação, de percepção do mundo, mais e mais brasileiros estarão definitivamente perdidos, fora da sociedade", prevê o empresário Jorge Simeira Jacob, do grupo Fenícia. "E de que adianta para uma sociedade produzir mais ignorantes e miseráveis, se eles não serão parte do mercado?", pergunta Jacob.

